



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

RITA OLIVEIRA DA COSTA

**MEMÓRIA, CULTURA E LINGUAGEM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
RAMAL DO PIRATUBA, ABAETETUBA-PA.**

**Abaetetuba-PA
2019**

RITA OLIVEIRA DA COSTA¹

**MEMÓRIA, CULTURA E LINGUAGEM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
RAMAL DO RAMAL DO PIRATUBA, ABAETETUBA-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa, apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Abaetetuba.

Sob orientação da Prof^o Me. José Eduardo Pastana Silva.

**Abaetetuba-PA
2019**

¹ Graduanda da Universidade Federal do Pará

RITA OLIVEIRA DA COSTA

**MEMÓRIA, CULTURA E LINGUAGEM DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO
RAMAL DO RAMAL DO PIRATUBA, ABAETETUBA-PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa, apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Abaetetuba.

DATA DE APROVAÇÃO: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profº Me. José Eduardo Pastana Silva.

Orientador

Universidade Federal do Pará- Campus de Abaetetuba

Membro 1: Prof.

Universidade Federal do Pará- Campus de Abaetetuba

Membro 2: Prof.

Universidade Federal do Pará- Campus de Abaetetuba

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que esteve á meu lado em toda a trajetória acadêmica, incentivando-me e apoiando-me a alcançar o objetivo de concluir uma graduação. Em especial a meu esposo, à minha mãe, a meu filho, minha irmã e minha prima Helena, merecedores de meu carinho e afeto. Dedico ainda a meus professores, em especial a meu orientador Eduardo Pastana, a quem devo grande admiração e respeito. À toda a comunidade acadêmica da UFPA, à turma de letras 2016 e à minha comunidade quilombola: Piratuba.

RESUMO

A linguagem falada atualmente no Brasil é fruto do gigantesco processo de transformações que o país sofreu ao longo dos anos. Possui um vocabulário rico com diversas palavras de ascendências indígenas, africanas e europeias. Não se tem uma data precisa da formação de comunidades quilombolas, teoricamente esses mocambos foram formados por escravos que fugiram de seus senhores. Os primeiros sinais indicativos sobre a presença de afrodescendentes em Abaetetuba foram observados pelos Párocos do município, que examinaram cuidadosamente as comunidades que possuíam características crioulas. Assim como na era dos padrões de beleza somos pressionados a seguir tais protótipos, na linguagem também viramos reféns, pois há uma forte exigência de pronunciarmos uma linguagem formal. Sabe-se que a linguagem é uma pré-condição estabelecida pela comunidade para a construção da cultura. Então, por que a linguagem materna da comunidade quilombola do Ramal do Piratuba, não é repassada ao longo das gerações, se sabemos que a linguagem é uma manifestação cultural? A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola do Ramal do Piratuba, localizada no Município de Abaetetuba, Estado do Pará. O objetivo deste estudo é resgatar a cultura linguística em memória, para permitir que as futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento. Tendo assim como resultados o resgate da memória, explorado através da cultura e da linguagem, permitindo assim que as futuras gerações relacionem-se com a historicidade do seu povo.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; linguagem; memória; quilombo.

ABSTRACT

The language currently spoken in Brazil is the result of the gigantic process of transformation that the country has undergone over the years. It has a rich vocabulary with several words of indigenous, African and European descent. There is no precise date for the formation of quilombola communities, theoretically these mocambos were formed by slaves who fled their masters. The first indicative signs of the presence of African descent in Abaetetuba were observed by the parish priests of the municipality, who carefully examined the communities that had Creole characteristics. Just as in the age of beauty standards we are pressured to follow such prototypes, so in language we become hostages, as there is a strong demand for pronouncing a formal language. It is known that language is a precondition established by the community for the construction of culture. So, why is the mother tongue of the quilombola community of Ramal do Piratuba not passed on through the generations if we know that language is a cultural manifestation? The research was conducted in the quilombola community of Ramal do Piratuba, located in the municipality of Abaetetuba, State of Pará. The aim of this study is to rescue the linguistic culture in memory, to allow future generations to have access to this knowledge. The result is the rescue of memory, explored through culture and language, thus allowing future generations to relate to the historicity of their people.

KEYWORDS: Culture; language; memory; quilombo

INTRODUÇÃO

No contexto histórico do Brasil, as línguas indígenas e africanas sempre estiveram presentes, além da língua europeia. A língua falada no Brasil nos dias atuais é resultado de um amplo e complexo processo de transformação ao longo dos anos e possui um vocabulário rico com várias palavras de ascendência negra.

Dos negros trazidos para o Brasil e feitos escravos, restou sua valiosa cultura e suas tradições, costumes, fatos e mais uma infinidade de coisas que são transmitidas de forma duradoura por várias gerações. Porém, no que diz respeito à linguagem materna, pode-se observar que a Comunidade Quilombola do Ramal do Piratuba, deixou de exercê-la.

Segundo Bagno (1999), todas as linguagens tem seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. A diversidade linguística é considerada patrimônio imaterial do Brasil, e é sobre esse prisma, que este trabalho tem como objetivo proporcionar o resgate da língua materna da Comunidade Quilombola do Ramal do Piratuba no que tange a recuperação de algumas palavras que entraram em desuso pelos falantes da Comunidade, sendo que não se pretende neste artigo esgotar e nem tampouco registrar todas as palavras que deixaram de ser usadas pelos falantes, mas compreender a importância de valorizar a historicidade e cultura do povo quilombola da comunidade de Piratuba.

JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema acerca do resgate da Linguagem, da memória e da cultura como instrumento da preservação da memória, foi realizado uma análise na Comunidade Quilombola do Ramal do Piratuba, a partir da vivência da autora como moradora e colaboradora da Associação dos Remanescentes de Quilombo do Ramal do Piratuba (ARQUITUBA), buscando apresentar a importância da valorização dos saberes tradicionais dos povos camponeses, pois o conhecimento secular que os povos do campo possuem são transmitidos de geração em geração.

Nas comunidades tradicionais a cultura se apresenta como traços estruturantes elementos espirituais e materiais, intelectuais e efetivos, os quais caracterizam uma sociedade ou, ainda um grupo social determinado, compreendendo também as artes e as letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Neste

caso, é possível evidenciar que a linguagem apresenta relevantes traços caracterizadores culturais, não somente para a cultura, mas também para a preservação da memória de um povo. Recordando que a diversidade linguística constitui elemento fundamental da diversidade cultural, e reafirmando o papel que a educação desempenha na proteção das expressões culturais.

A pesquisa surgiu na observação da vivência na comunidade quilombola do Ramal do Piratuba, cuja ausência da identidade cultural por meio da linguagem, ou seja, por meio da linguagem dentro das relações de comunicação dos povos quilombolas, observa-se a carência de estudos da cultura e da memória da comunidade, no que aponta-se que a mesma está morrendo, pois somente os idosos da comunidade executam a linguagem tradicional, linguagem essa que não está sendo passada nas descendências.

A participação das populações tradicionais no processo de guardião da memória coletiva da comunidade é fundamental, para a proteção dos saberes tradicionais e da cultura local. Desse modo, justifica-se essa pesquisa que tem como objetivo resgatar a cultura linguística em memória para permitir que as futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento para exercitar se irão sofrer preconceito e também dá suporte as futuras pesquisas.

O uso da linguagem é muito marcado por intolerância e preconceitos, embora muitas vezes camuflados pelos valores éticos do erro linguístico ou estéticos da beleza de certos usos e línguas.

Assim como as pessoas são pressionadas a terem um padrão de beleza, também são exigidos a ter uma linguagem formal. Marcos Bagno (1999) discorre sobre isso, afirmando que:

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura (BAGNO, 1999, p. 51).

A linguagem estabelece a comunidade na qual toda a cultura humana é construída, isto é, a linguagem se torna uma pré-condição para a cultura. Portanto, onde quer que encontremos obras culturais, encontraremos a língua como pré-condição, ou seja, a comunidade de falantes que organizam seus signos linguísticos em relação a uma organização da experiência real

sobre os falantes e essas linguagens, ligadas às necessidades, interesses, escopo e cultura de sua comunidade e sua história.

Diante do exposto apresento como problemática: Por que a linguagem materna da comunidade quilombola do Ramal do Piratuba, não é repassada ao longo das gerações, se sabemos que a linguagem é uma manifestação cultural?

O artigo tem como objetivo geral resgatar a cultura linguística em memória, para permitir que as futuras gerações tenham acesso a esse conhecimento. E como outros objetivos, resgatar as particularidades em memória sentimental da linguagem quilombola da Comunidade do Piratuba; possibilitar o reenvolvimento dos quilombolas do Piratuba com suas histórias, memórias e culturas; revitalizar a cultura da Comunidade quilombola do Piratuba e fazer coleta de dados através de entrevistas semiestruturadas.

METODOLOGIA

Por meio de um estudo histórico, etnográfico, antropológico e qualitativo segundo Nascimento (2015), foram realizadas 5 (cinco) entrevistas a partir de questionários semiestruturados (anexo 2) direcionados à Comunidade Remanescente de Quilombos do Ramal do Piratuba, com a finalidade de resgatar a memória, cultura e linguagem das palavras que entraram em desuso na comunidade.

A Comunidade Remanescente de Quilombo do Ramal do Piratuba está localizada no município de Abaetetuba, Estado do Pará. Segundo o IBGE (2010), o município de Abaetetuba pertence à mesorregião do nordeste paraense e a microrregião de Cametá. Faz divisa com os municípios de Igarapé-Miri, Mojú e Barcarena e possui aproximadamente 153.380 habitantes (IBGE, 2017). A comunidade de Piratuba está situada a aproximadamente 30 minutos do centro de Abaetetuba, o acesso à comunidade do Ramal do Piratuba é feito por via terrestre, sendo que a comunidade possui cerca de 1.000,00 habitantes.

FORMAÇÃO DO QUILOMBO DO RAMAL DO PIRATUBA

Através dos levantamentos realizados pela Diocese do Município de Abaetetuba com apoio da Pastoral da Terra no início do ano 1990, foram identificados à existência de famílias remanescentes de quilombos em Abaetetuba, os primeiros indícios da presença dos afrodescendentes foi observada pelos padres, pelo fato de que a maioria dos moradores serem

de cor negra e através dos diversos relatos de que seus parentes teriam vivido na condição de escravos (CPT, 2006).

É muito difícil se ter uma data precisa da formação de comunidades quilombolas, e no caso da Comunidade do Ramal do Piratuba não é diferente, ao que tudo indica, a comunidade foi formada por escravos que fugiam das fazendas onde trabalhavam com lavouras para exportação, como cana-de-açúcar, tabaco, arroz, algodão e cacau (SANTOS, 2018).

Segundo o relato das pessoas mais idosas da comunidade, os primeiros moradores há habitarem nas terras do Piratuba foi à família de Pedro Estulano:

Acredita-se que Pedro Estulano pode ter vindo de vários lugares às margens dos rios Guamá, Capim, Acará e outros, ou de cidades e vilas. Que fugiu de alguma fazenda ou engenho com sua esposa e seus 21 filhos (SANTOS, 2018).

Em busca de liberdade, as fugas com destinos quase sempre para o mato, eram símbolo de luta dos escravos. No entanto, essas fugas era uma tarefa difícil e arriscada, os negros adentravam mata, rios e igarapés e no interior da floresta recomeçavam suas vidas.

O fator de extrema importância para a garantia de sobrevivência e autonomia dos mocambos² era a localização geográfica, sendo que dessa forma a maioria dos mocambos sempre que possível se relacionavam. De acordo com Pinto (2004), os quilombos tentavam estabelecer espaços políticos, econômicos, sociais e culturais. Realizavam transações comerciais, tentavam reconstruir sua vida em várias versões, faziam festas, plantavam roças, pescavam, caçavam.

Nessa relação de troca de mercantis, Pedro Estulano tornou-se amigo de Barbosa, e lhe convidou para morar com sua família no Piratuba, comunidade povoada por remanescentes de quilombos. O povoamento do quilombo do Piratuba também teve a participação de escravos livres, pois tentavam escapar do movimento cabano (SANTOS, 2018).

Os escravos quando fugiam saíam mata adentro e na floresta se achavam sozinhos, mas logo aprenderam a se organizar, pois com o surgimento dos açoutadores, chegaram o momento em que a fuga não era mais uma aventura com resultados sem definições. Uma vez escapado do cativeiro, sabendo o terreno onde pisava, o coutador recebia os fujões e mais ou menos instruíam-los ao rumo em que deveriam seguir (SALLES, 2005).

² É o nome que se dá as comunidades formadas majoritariamente por remanescentes de fugitivos da escravidão no Brasil. Disponível em: <https://www.escolaKids.uol.com.br>.

Os fugitivos estavam sempre em buscas de lugares seguros, por esta razão iam de quilombo em quilombo. Assim, a Comunidade do Piratuba com a chegada de novas pessoas foi se povoando.

MEMÓRIA

O uso da memória é como um dispositivo de resgate de lembranças que de alguma forma sabemos que existem. Entretanto precisam ser compreendidas, pois assim o “testemunho vivido será recorrente ao próprio indivíduo que vivenciou os fatos ocorridos” (ALBERTI, 1990, p. 18). A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1992, p. 423).

Segundo Izquierdo (2004, p. 21) “a memória é aquisição, conservação e evocação das informações dos fatos vividos por cada indivíduo. E que nada somos além daquilo que recordamos”. A memória permite a relação do corpo presente com o passado, interfere no processo “atual” das representações. Explanando acerca de Bergson e a conservação do passado, Bosi (1994, p. 407) diz que:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Brandão (2008) se refere à memória como um “tesouro das vidas vividas” que, partilhado, traz não só a possibilidade de ressignificação, pessoal e profissional, mas também a de mobilização para a reflexão de outros, mostrando modos próprios da construção do saber”.

Acredita-se que por meio dos diálogos, das rodas de conversa, da comunicação oral e do saber empírico dos mais velhos da comunidade, poderá se resgatar a memória que o tempo guardou do passado vivenciado por ele, pois acredita-se que através desses métodos ao lembrar de um pequeno fato ocorrido, toda uma história virá à tona. Para Chauí (2002, p. 162):

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais.” (p.158). [...] “guardamos na memória aquilo que possui maior significação ou maior impacto em nossas vidas, mesmo que seja um momento fugaz, curtíssimo e que jamais se

repetiu ou se repetirá. É por isso também que, muitas vezes, não guardamos na memória um fato inteiro ou uma coisa inteira, mas um pequeno detalhe que, quando lembrado, nos traz de volta o todo acontecido.

Por concordar que a memória é seletiva e que guardamos na mente aquilo que possui maior significação ou maior impacto em nossas vidas, como fora afirmado pelos autores supracitados, busca-se, por meio das entrevistas identificar a memória pessoal, afetiva e trabalhista dos moradores, por meio do processo de rememoração, considerando-as como positiva ou negativa para a trajetória de sua vida.

Segundo Halbwachs (2006, p.55) o indivíduo que lembra é sempre “um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência e a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito”.

Dessa forma, observa-se que a memória não é apenas individual (guardada apenas por um indivíduo e que se refere às suas próprias vivências e experiências), mas também coletiva (composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, e que não pertencem somente a esse indivíduo, mas a uma comunidade, um grupo).

Percebe-se, através das palavras de Goethe *apud* Bosi (1994, p. 59), a forma não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória, pois “quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças”

Pode se compreender a memória considerando-a uma função social (a função da lembrança) por meio da investigação que a pesquisa trará e que esta ligada a sentimento, e que é necessário que se recorde um momento inteiro vivido no passado. Como bem pontuou Bosi (1994, p.81) “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. [...] O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição”.

Para Halbwachs (1990, p. 49) “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

Sobre a alta função da lembrança, Oliveira (2012, p.19) diz que:

O poder de rememorar possui uma tendência catártica à reconciliação com o passado. Entre as memórias recolhidas, há as que se entrecruzam lentamente, em um recorte chamado tecido social, que se encontram e demarcam o lugar

dos sujeitos... Aos poucos as memórias individuais vão se transformando em memórias coletivas. Então, entremeando-nos entre elas, encontram-se as vozes na voz do outro.

Ainda sobre a questão da análise da função da memória, Pollak (1989, p. 09) em sua obra *Memória, Esquecimento, Silêncio*, diz que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.

Bosi (1994, p. 415) também fala sobre a “sucessão de etapas na memória” e que ela “é dividida por marcos”, ou seja, “pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou lugar, morte de um parente, formatura, casamentos, empregos, festas”, entre outros que poderíamos acrescentar, como o primeiro beijo, o primeiro dia de aula, a primeira professora, o primeiro amor, coisas, fatos, momentos que, definitivamente, marcaram nossas vidas de alguma forma.

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer-se, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”, diria Bosi (1994, p. 55). Para Le Goff (1992, p. 24) “o passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”. Porém, “a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um móvel elementar de elaboração histórica” (p. 49).

A memória nos faz recordar, porém, como esclarece Bosi (1994, p. 407) “[...] muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos forma relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós”. Bosi (1994, p.407) ainda confirma que:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: forma inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates [...]. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal.

De início a memória nos parece ser um fenômeno individual, algo íntimo, que faz

parte da própria pessoa. Mas para Halbwachs apud Pollak (1992, p. 201) “a memória deve ser entendida também, sobretudo como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Graças à memória, somos capazes de lembrar e recordar. Mas, de acordo com Chauí (2000, p.164):

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

CULTURA

A cultura rege todos os aspectos de formação de uma sociedade como comportamentos, pensamentos, expectativas e inclusive a educação formal ou informal. Ao mesmo tempo em que as culturas preservam tradições, elas também integram tradições de outras culturas e de outros povos, formando um intercâmbio de usos, costumes, tradições, alimentos etc. Para Morin (2002, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

A partir do momento em que faz uso da linguagem, o indivíduo se encontra em um processo cultural, que, por meio de símbolos, reproduz o contexto cultural que vivencia. Strey (2002) aponta que o indivíduo tanto cria como mantém a sua cultura presente na sociedade. Cada sociedade humana tem a sua própria cultura, característica expressa e identificada pelo comportamento do indivíduo. Segundo Strey (2002, p. 58): “O homem é também um animal, mas um animal que difere dos outros por ser cultural”. Para ele, a cultura refere-se ao conjunto de hábitos, regras sociais, intuições, tipos de relacionamento interpessoal de um determinado grupo, aprendidos no contexto das atividades grupais.

Devemos conhecer a realidade cultural do indivíduo para compreender suas práticas, costumes, concepções e as transformações que ocorrem na sua vida. E é nessa realidade

sociocultural que o indivíduo se socializa. Sua personalidade, suas atitudes, opiniões se formam a partir dessas relações socioculturais, em que controla e planeja suas próprias atividades.

O quilombo estudado vive em um constante processo de modificação, não só na linguagem, mas também na cultura. Pois era comum ver e ouvir grupos cantando e dançando ao caminho do trabalho, mesmo chegando aos roçados a cantoria continuava. As rodadas de dança de carimbo foram dando espaço para a quadrilha junina e os festivais de cordões. No intuito de resgatar e conscientizar a população do quilombo, atualmente comemora-se o dia 20 de novembro, dia da consciência negra. Esse momento é de suma importância para a comunidade, pois é um período de confraternização e de aceitação, de assumir os traços, cor, cabelo, cultura, entre outros.

Ainda no que se refere a cultura quilombola, o que sempre permaneceu na comunidade de Piratuba foi o cultivo da mandioca (figura 1) que o produtor do quilombo trabalha na produção da farinha para seu próprio consumo e de sua família e quando a produção é maior do que necessitam para sobreviver, os moradores levam em pacote de 30k para a cidade pra vende-la e assim garantido mais um ganho. O quilombo de Piratuba já foi um dos maiores produtores de mandioca da região, hoje diminuiu a fabricação da farinha de mandioca, pois como hoje em dia temos mais acesso à educação, as pessoas do quilombo estão estudando mais e assim procurando outras profissões.

figura 1: Moradores descascando a mandioca para a produção da farinha



Fonte: acervo da autora/2019

Observou na comunidade quilombola do Ramal do Piratuba, que a cultura deixada pelos afrodescendentes ainda prevalece, como o "coratá, a peneira, o tipiti" (figura 2) e descascar mandioca coletivamente para a fabricação da farinha. Portanto os estudos nos mostram, embora já apresentem melhorias com a modernização, à coletividade na comunidade ainda está muito presente.

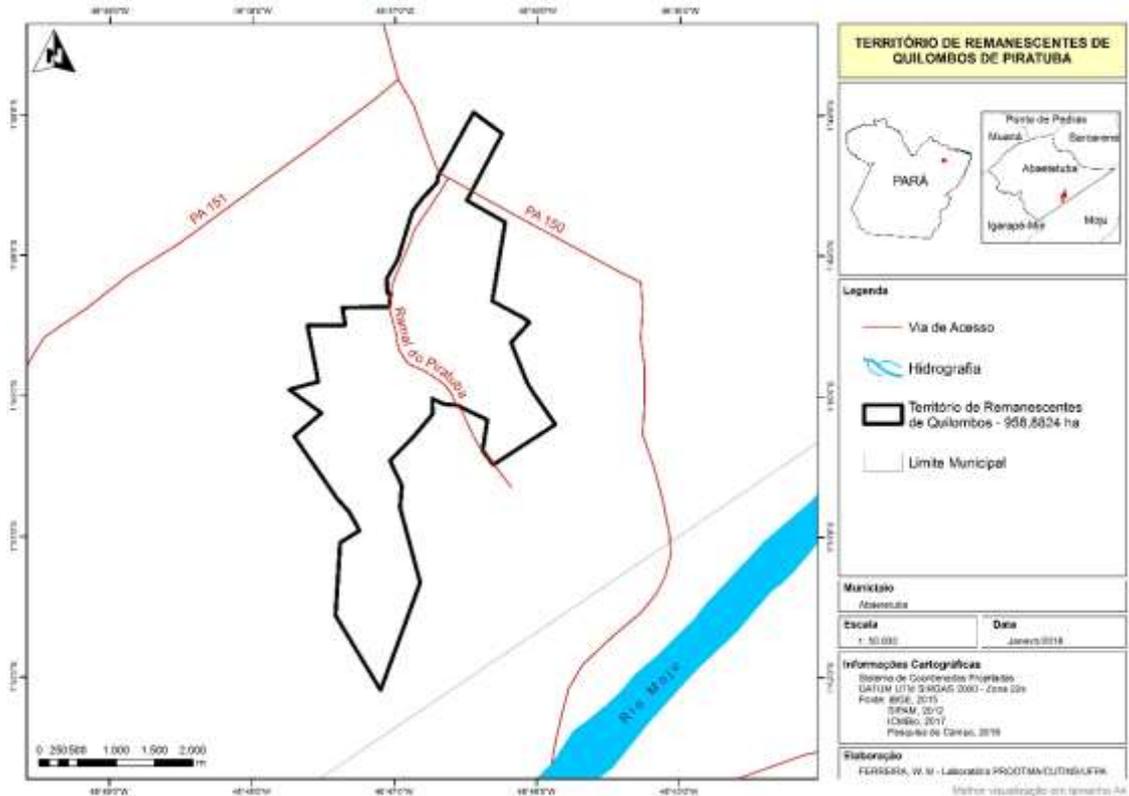
Figura 2: Representação do coratá, da peneira, do tipiti e outros artefatos da cultura quilombola.



Fonte: acervo da autora/2019

Por fim entendemos que a área onde está localizada a comunidade quilombola do Piratuba (figura 3) faz parte da história do município de Abaetetuba, e constitui patrimônio vivo de preservação e tradição secular, que pouco está sendo transmitidos para seus descendentes.

Figura 3: mapa de localização do território de Remanescentes de quilombo de Piratuba, elaborado a partir dos dados de pontos geográficos dos limites territoriais da comunidade, contidas no título de domínio coletivo.



Fonte: Ferreira, 2018.

LINGUAGEM

Ao utilizar a história oral buscamos o encontro de registrar elementos importantes da comunidade quilombola do Ramal do Piratuba. Paul Thompson (1992, p. 17) conceitua a história oral sendo:

(...) a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

As perspectivas orais irão proporcionar o registro da história de vida do entrevistado, sendo que está centrada nas narrativas orais, assim rememorar o passado é uma forma de mergulhar no recôndito da memória, onde as lembranças emergem de acordo com a memória

dos sujeitos. Vale ressaltar que,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possam entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, sejam como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989; p 04).

A história oral relaciona-se diretamente ao testemunho do vivido, onde o indivíduo testemunha aquilo que viveu em um tempo passado, a ponto dessa memória não se perder no tempo, a memória individual está constituída e permeada por memória coletiva adquirida através do meio que o indivíduo está inserido, seja familiar ou social. Segundo Halbwachs (2004; p. 85) “toda memória é coletivas, obtidas mediante da interação dos homens”, portanto ela é essencial, pois possibilita a constituição de uma identidade a partir do próprio indivíduo e dos outros.

A linguagem é um código desenvolvido para a transmissão de pensamentos, ideias e interação entre os indivíduos, a linguagem pertence a todos os membros de uma comunidade. A partir de depoimentos orais das pessoas mais idosas da localidade, pode-se conhecer um pouco mais da origem da comunidade de Piratuba, sendo coletados depoimentos e histórias de vida, nascendo assim a partir da narração dos idosos a linguagem que antes se falava na comunidade pelos antigos moradores e que hoje não se fala mais, pois durante as entrevistas os entrevistados narraram que seus netos e bisnetos vivem os corrigindo pelo fato que eles dizem que seus avós falam errado, e eles lhes respondem que antes se falava desse jeito, tendo modificações na linguagem da comunidade com o passar dos anos. Durante a entrevista oral, a moradora de 72 anos aborda exemplos de como as palavras eram pronunciadas:

Nós murava com o pessoal do Juca Amorim, e aqui ainda não tinha ramal, eu já tinha os meus filho, e agente colocava os “cueiros” das crianças nos “balaços” que hoje se chama de cestos. Eu não sei porque “ainda estou portubando”, porque de vez em quando me dá uma “dibilidade” condo como algumas coisas. (L. A. S. , 2019).

Em uma roda de conversa, com alguns moradores foram colocados relatos diversos onde destacavam de algumas palavras que eles utilizam e que hoje não se fala mais, e com isso pode-se afirmar que vivencia-se um momento de redescoberta, onde o passado é recordado por eles.

O morador C. F. D, de 67 anos exemplifica sobre algumas palavras que eram muito usadas por ele e sua família e que atualmente foram tomadas pelo desuso:

Quando nós ia matar peixe no “brejo” ou no igarapé nós dizia que ia “peraquerá”, se era no verão nós saia a noite e “aracapava com a lamparina” pra “gapuiar”. Pegava cada jijú bonito pra “apreciar” ele “muqueado”.

No diálogo com o morador F. F., 67 anos, são abordados exemplos de linguagem utilizadas antigamente sobre as saídas na época de sua juventude:

Nessa época eu ainda era criança, mas meus irmãos já “avuavam no bando”, eles iam pra “broca” e na saída marcavam um “guardânio” pra ir pra uma “fofóia”, na volta vinham cantando as “mudinhas” que ouviam lá. No mês de junho a diversão era o “Bangué”, os colegas se juntavam e compravam a bebida, mas tinha cada “vilhaco” no meio que era de meter medo.

Durante as entrevistas o morador trouxe à tona as origens, os acontecimentos marcantes, as expressões e até mesmo as festas que o povo promovia, principalmente as festas de santo, que até hoje é comemorada no último domingo de agosto à festividade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que por ventura tenham sido abandonados pelas novas gerações.

A senhora O. C. R., de 81 anos de idade, relata sobre a organização das festas que aconteciam na comunidade, e apresenta a linguagem que utilizavam para alguns acontecimentos:

Eu me lembro que na festa da Santa o povo fazia “putirão” para arrumar o arraiá, todos se arrumavam pra “poludir” e “apreciar” o círio da Santa, os jovens saiam fazendo “emulado” nas casas pra arrecadar donativos para fazer o leilão na festa. Nessa época era rezada a Ladainha, tinha uma pessoa que “capitulava a ladainha”. As mulheres se aprontavam com o “trancilin” e seu “tamanco” para o arraiá da Santa.

Através da entrevista foi possível explorar a linha do tempo dos entrevistados através da memória, onde puderam narrar elementos importantes da cultura e linguagem da comunidade quilombola do Ramal do Piratuba.

Dentre os costumes do povo de Piratuba, a senhora M. H. C. F, 60 anos, relata sobre a tradição do uso de banheiros ou sanitários na época de sua infância, expressando a linguagem antiga:

Hoje em dia tá tudo mudado, mas quando eu era criança não se usava esses banheiros que são conhecidos hoje, se queria “desecar”, ou se dava uma “disinteria” ou “desmancho” agente ia era na “sintina”. Se era de noite pegava uma lamparina de cima do “petisqueiro” e levava pra “alumiá”, não corria nem risco de pegar uma “mordiada”.

O quadro 1, foi organizado com base nas falas dos entrevistados, e nos questionários respondidos pelos mesmos, onde está explícita a linguagem utilizada antigamente por cada um deles e seu significado:

Quadro 1: Palavras citadas pelos entrevistados e seus significados.

PALAVRAS (LINGUAGEM)	SIGNIFICADOS	ENTREVISTADOS
Fofóia	Festa de fim de trabalho	F. F. (67 anos)
Broca	Roçar	
Mudinha	Música	
Avuá no bando	Sair com a galera, estar em grupo	
Guardânio	Encontro	
Bangué	Festa após a fogueira	
Vilhaco	Compra mais não paga	
Dibilidade	Algo que a pessoa comeu e depois fez mal.	L. A. S. (72 anos)
Ainda estou portubando	Ainda estou viva	
Cueiros	Fraldas	
Balaíos	Cestos	
Poludir	Assistir	O. C. R. (81anos)
Trancilim	Cordão	
Tamanco	Sapato de saltinho	
Emulado	Arrecadando	
Putirão	Serviço em grupo	
Capitular ladainha	Rezar a Ladainha	
Desecar	Fazer cocô	M. H. C. F (60 anos)
Sintina	Banheiro	
Petisqueiro	Armário	
Mordiada	Choque elétrico	
Alumiá	Iluminar	
Disinteria, desmancho	Diarreia	
Aracapar com lamparina	Lanterna	C. F. D. (67 anos)
Peraquera	Matar peixe com o aracapar	
Gapuiar	Pegar peixe no verão	
Apreciar	Comer algo ou escutar conversa	
Muqueado	Assado	
Brejo	Região alagada	

As palavras usadas pelos guardiões dos saberes tradicionais da comunidade são de caráter crioulo, no entanto para contribuir com esta afirmação, em 2017, foi entrevistada Dona Clarice (In memória) de 110 anos, antiga moradora da comunidade, e na conversa com a anciã da comunidade, pode-se perceber uma pequena relação da sua linguagem com a linguagem utilizada pelos escravos aos seus senhores, pois estavam acostumados a usar a palavra Sinhá na presença dos mesmos:

Inhá mãe dizia que quando chegamo no Piratuba, Istulano já murava lá (SANTOS, 2018).

Como já dito acima, a linguagem é um código e somente um indivíduo não é capaz de modificá-la, porém, uma língua evolui, transformando historicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa proporcionou a aproximação da linguagem em desuso da comunidade quilombola de Piratuba, com a população quilombola atual, contribuindo assim com a valorização da historicidade deste povo.

Considerando que a linguagem de um povo faz parte de sua identidade, adentrar-se ao diálogo sobre a linguagem desta comunidade, possibilitou um envolvimento dos partícipes da entrevista com a sua memória e cultura, resgatando assim palavras e sentimentos que representaram particularidades de um povo.

A representação da linguagem quilombola do povo de Piratuba fortalece e dimensiona a cultura quilombola da comunidade como patrimônio cultural do município de Abaetetuba. Neste contexto aponta-se o estudo aplicado como objeto de aproximação e incentivo ao reconhecimento de valores culturais presentes no município, valores estes, que ainda encontram-se desconhecidos e até mesmo criticados, como uma forma de falar incorretamente.

A pesquisa sobre a linguagem de povos remanescentes de quilombos fortaleceu não somente a valorização das palavras em desuso, como foi de extrema importância para levantar reflexões sobre a variação linguística e a pluralidade cultural, afastando-se da ideia de que existe uma forma correta de falar, restringindo a cultura e tradição de um povo e levando ao preconceito sobre as diferentes formas de falar.

E dentro desta compreensão a pesquisa colaborou, portanto, com o incentivo de aprofundar-se no estudo de tradições étnicas e linguagens culturais e a partir disso introduzi-las nos ambientes sociais de aprendizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Professores Adjuntos do Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 51-67, 2006. Disponível em: http://www.uel.br/cce/geo/didatico/omar/pesquisa_geografia_fisica/BPG84_Pesquisa.pdf. Acesso em 24/05/2019
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico, o que é, como se faz**. São Paulo, edição 38, pg. 51, 1999.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 47.
- CHAUÍC, Marilena. **Convite à filosofia**. 12 ed. 6 impressão. São Paulo: Ed. Ática, 2002
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 78-84, setembro/novembro 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/75/08-manuelacarneiro.pdf>. Acesso em: 23/05/2019.
- DIEGUES, Antonio Carlos Santana (org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP; PROBIO-MMA; CNPq, 2000. 16 DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. (orgs.). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, José de Souza Martins. **A sociabilidade do homem simples: Cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- _____. **O mito moderno da natureza intocada**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 2001.
- _____. **O poder do atraso: Ensaio de sociologia da história lenta**. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- NASCIMENTO, Afonso Welliton de Sousa. **Política de Ensino Médio, formação e prática Social: o caso do município de Abaetetuba-Pa**. Tese Doutorado. Fortaleza: UFC, 2015.
- OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de. **Memória e resistência na universidade**. In: **Augusto Sarmiento Pantoja**, et. al. (Org.). Memória e resistência: percursos, histórias e identidades. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012, p. 176.
- SANTOS, Maria Helena Cunha dos. **Organização sócio produtiva da comunidade remanescente de quilombo do Ramal do Piratuba – Abaetetuba – PA**. Monografia de Conclusão de Curso, 2018, pg. 31.
- STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

POLLAK Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 09.

ANEXOS

ANEXO 1:FICHA DOS ENTREVISTADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

COMUNIDADE DE PIRATUBA

ENTREVISTADO 1

1. Nome: Laura Assunção de Souza
2. Endereço: Ramal do Piratuba
3. Alcinha (apelido): Gracinha
4. Sexo: Feminino
5. Idade: 72 anos
6. Estado civil: Viúva
7. Local de nascimento: Ramal do Piratuba

ENTREVISTADO 2

1. Nome: Celino Ferreira Dias
2. Endereço: Ramal do Piratuba
3. Alcinha (apelido): X---X
4. Sexo: Masculino
5. Idade: 67 anos
6. Estado civil: Casado
7. Local de nascimento: Bico do Cueca

ENTREVISTADO 3

1. Nome: Francisco Ferreira
2. Endereço: Ramal do Piratuba
3. Alcinha (apelido): x---x
4. Sexo: Masculino
5. Idade: 67 anos
6. Estado civil: Casado
7. Local de nascimento: Ramal do Piratuba

ENTREVISTADO 4

1. Nome: Oneide Cardoso Rodrigues
2. Endereço: Ramal do Piratuba
3. Alcinha (apelido): Tia Maria do Vilazo
4. Sexo: Feminino
5. Idade: 81 anos
6. Estado civil: Viúva
7. Local de nascimento: Costa Maratauíra

ENTREVISTADO 5

1. Nome: Maria Hilda Cardoso Ferreira
2. Endereço: Ramal do Piratuba
3. Alcunha (apelido): Rendera
4. Sexo: Feminino
5. Idade: 60 anos
6. Estado civil: Casada
7. Local de nascimento: Ramal do Piratuba

ANEXO 2: QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

NOME: Celino Ferreira Dias

1. Como se falava antigamente para **lanterna**?
R: Aracapar com lamparina
2. Como se falava antigamente para **matar peixe com o aracapar**?
R: Peraquera
3. Como se falava antigamente para **Pegar peixe no verão**?
R: Gapuiar
4. Como se falava antigamente para **comer algo**?
R: Apreciar
5. Como se falava antigamente para um alimento **assado**?
R: Muqueado
6. Como se falava antigamente para **área alagada**?
R: Brejo

NOME: Laura Assunção de Sousa

1. Como se falava antigamente para **comer algo que lhe fez mal**?
R: estou com uma debilidade
2. Como se falava antigamente para **dizer que uma pessoa ainda está viva**?
R: ainda está portubando
3. Como se falava antigamente para **as fraldas**?
R: cueiros
4. Como se falava antigamente para os cestos?
R: balaios

NOME: Oneide Cardoso Rodrigues

1. Como se falava antigamente para **assistir algo**?
R: Poludir
2. Como se falava antigamente para os **cordões**?
R: Trancilim
3. Como se falava antigamente para os **sapatos de saltinho**?
R: Tamancos
4. Como se falava antigamente para dizer que estava **arrecadando**?
R: Emulado
5. Como se falava antigamente para **serviço em grupo**?
R: Putirão
6. Como se falava antigamente para **rezar a ladainha**?
R: Capitular ladaínha

NOME: Maria Hilda Cardoso Ferreira

1. Como se falava antigamente para **fazer cocô**?
R: desecar
2. Como se falava antigamente para os **banheiros**?
R: Sintina
3. Como se falava antigamente para o **armário**?
R: Petisqueiro
4. Como se falava antigamente para levar um **choque elétrico**?
R: Mordiada
5. Como se falava antigamente **iluminar**?
R: alumiá
6. Como se falava antigamente **diarréia**?
R: disenteria e desmancho

NOME: Francisco Ferreira

1. Como se falava antigamente para as **festas de fim de trabalho**?
R: Fofóia
2. Como se falava antigamente para **roçar**?
R: Broca
3. Como se falava antigamente para **as músicas**?
R: Mudinhas
4. Como se falava antigamente para **sair com a galera ou estar em grupo**?
R: Avuá no bando
5. Como se falava antigamente para ir a um **encontro**?
R: ir a um guardânio
6. Como se falava antigamente para uma festa após a fogueira?
R: Bengué
7. Como se falava antigamente para **aquele que compra mais não paga**?
R: Vilhaco